

Rússia - 1ª parte

Origem e formação de um império

Hugo Hortêncio de Aguiar

Sumário

1. Introdução. 2. Cenário. 3. Resumo histórico. 4. Os personagens. 5. Comentários conclusivos sobre os períodos.

1. Introdução

Em sentido mais abrangente, queremos considerar, com o título acima, o verdadeiro continente Eurasiático (parte na Europa e parte na Ásia), que constituiu o antigo Império Russo e depois a União Soviética, atravessando no momento um período de democratização¹, ainda com certas indefinições, naturais de uma grande mudança política. Também estamos incluindo nas considerações as Repúblicas que se tornaram independentes com a dissolução da União Soviética e passaram a constituir a CEI (Comunidade dos Estados Independentes), com exceção, naturalmente, dos Países Bálticos (Lituânia, Letônia e Estônia).

Os povos que habitam esse imenso território constituem mais de 170 subgrupos étnicos (dos quais conseguimos localizar mais de uma centena) e têm vivido uma odisséia de migrações, invasões, massacres, servidão, conquistas, sofrimentos, revoluções e guerras. Embora Tolstói tenha expressado em *Guerra e paz*² que “descrever exatamente a vida, não somente da humanidade, mas de um simples povo, parece impossível”, vamos tentar dar uma impressão geral desse colosso territorial e dos povos que mais

Hugo Hortêncio de Aguiar é militar reformado e professor de línguas e culturas do Oriente Médio e das ex-Repúblicas Soviéticas.

diretamente participaram e continuam a participar do drama medonho e apaixonado que tem sido a história da Rússia.

Por ser a matéria vasta, não podendo ser contida num só artigo, dividimos o tema em três partes, sendo este artigo a primeira, com as indicações humanas, geográficas e históricas respectivamente necessárias para a identificação dos atores, cenários e fatos compatíveis com esse drama.

Como os leitores já perceberam pelo artigo anterior, "Israel – Estado e religião" (RIL n. 153), procuramos sempre evitar dissertações monótonas, facilmente encontradas em publicações sobre o assunto. Tentamos focalizar aspectos especiais e, mesmo, curiosos, que somente o domínio do idioma e o conhecimento pessoal da área podem captar. Também procuramos, sempre que há espaço, fazer uma correlação entre os poderes formadores da estrutura de uma nação estudada, evitando, como norma, avaliações pessoais, projetando somente os enfoques históricos tradicionalmente aceitos como comprovados.

Assim, no final desta primeira parte, fazemos um superficial comentário sobre a legislação na Rússia tsarista, mas com exemplos curiosos sobre a aplicação e a observância dessa legislação. Na segunda parte, "A Revolução Comunista e os seus Líderes", os próprios leitores tirarão as conclusões quanto à incoerência na aplicação das leis e à falta de tradição de um órgão legislativo. Na terceira parte, "Estrutura Político-Administrativa-Conclusão", então será apresentado o quadro geral do Sistema de Governo da Ex-URSS, a correlação de poderes e as dificuldades imensas que a democratização da Rússia vai enfrentar por muitos anos ainda.

2. Cenário

Nas considerações seguintes, estamos levando em conta os territórios acrescidos com a formação da Ex-URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) ou desmembrados com a sua dissolução em 1991, pois es-

tamos seguindo o conceito expresso na Introdução. Em qualquer das alternativas, a Rússia é o país mais extenso do globo. Compreende 11 fusos horários, desde o Estreito de Bering, a Leste, até o limite com a Estônia, a Oeste, isto é, quase metade dos 24 fusos horários do globo terrestre.

Quanto à latitude, estende-se desde o paralelo 45° Norte até o Oceano Glacial Ártico, o que vai trazer muitas implicações climáticas. Só estamos apresentando dados que se traduzam em conseqüências práticas significativas.

Assim, já podemos focalizar um quadro curioso: se embarcarmos num avião de grande porte, em Petropavlovsk (um grande aeroporto na Península Kamtchaka, no Mar de Bering), às 7 horas da manhã e viajarmos para Moscou, diretamente ou com uma escala no máximo, chegaremos à Capital mais ou menos às 6 horas da manhã, quer dizer, *uma hora antes da partida*, depois de uma viagem de oito horas de duração e de mais de 6.000 Km de distância. Vamos tomar café de novo em Moscou, mas só o *cafezinho*, pois já nos serviram o desjejum e o almoço a bordo do avião. Entre as duas cidades, há uma diferença de nove fusos horários ou nove horas. Sobre enormes distâncias e áreas não falaremos mais no momento. Com a idéia de dar uma certa ordenação no trabalho e, principalmente, para não esquecermos pormenores imprescindíveis na apreciação do cenário, vamos seguir a ordem tradicional no estudo dos fatores fisiográficos, mas com o cuidado de abordar só os pontos interessantes.

Em face de sua imensa área, que chegou a ser aproximadamente três vezes a do Brasil, quando União Soviética, a Rússia é um país de altitudes modestas. As montanhas estão situadas ao Sul, a maioria nos territórios das Repúblicas da Ásia Central e nos Montes Altai, onde as altitudes chegam a ultrapassar 4.000 m. Fora isso, somente alguns picos no Cáucasso, nos Cárpatos e na Sibéria Oriental atingem altitudes médias. Em contrapartida, o restante do território é

planície ou “plateau”, recebendo sem nenhum anteparo a influência de todos os fatores que favorecem o frio, provenientes do Glacial Ártico e, mesmo, do Pólo Norte, tais como ventos, reflexos das correntes marítimas, pressões atmosféricas, etc. As únicas elevações que poderiam barrar esses fatores seriam os Montes Urais, pela sua forma de cadeia de montanhas. Eles dividem geograficamente a Rússia Européia da Sibéria, mas não são muito altos e, principalmente, estão dispostos no sentido Sul-Norte, perpendicularmente à direção predominante dos ventos do Norte.

Desse modo, podemos dizer que a Rússia é uma imensa planície fria, e agora já compreendemos por que lugares em latitudes não muito polares são muito frios. A latitude é o fator mais importante na avaliação da temperatura do ar, mas não é o único.

Uma área tão vasta teria de ser cortada por caudalosos rios e apresentar uma densa rede fluvial. E isso é verdade: aproximadamente 400.000 Km. Os rios possuem uma apreciável capacidade de geração de energia hidrelétrica. Apresentam, contudo, duas deficiências sensíveis: a primeira é gelarem durante três ou quatro meses no inverno; a segunda é a poluição. Com exceção do Volga, que desemboca no Mar Cáspio, os outros três maiores rios, o Obi, o Ienissei e o Lena, na parte asiática, cujas águas deságuam no Glacial Ártico, freqüentemente apresentam em seus estuários níveis de poluição elevadíssimos, e o que é pior, sem reversibilidade em curto prazo. Quando isso acontece, tudo fica parado, e os efeitos negativos são severos no clima e na vegetação. Essa navegabilidade restrita a certos períodos do ano e a disposição transversal dos grandes cursos d’água não favoreceram a conquista da Sibéria. A construção da ferrovia Transiberiana, assimilando a região de Vladivostok, foi uma necessidade para solução de vários fatores. Quanto a lagos, a Rússia é privilegiada. Possui muitos como o Ládoga, o Ônega, o Balcash e o Baical, sendo este último considerado uma das mara-

vilhas do mundo. Até o Mar Cáspio, por suas características, é considerado o lago de maior superfície do globo.

Com relação a oceanos e mares, a imagem é outra. As considerações que vamos fazer seriam mais apreciadas no período da “guerra fria”, não temos dúvida. Porém, como a cultura não tem idade nem oportunidade, é sempre bom sabermos as razões que motivaram atitudes passadas na história das nações. Além disso, este estudo favorece a memorização porque está motivado e, o que é melhor, traz mais uma dose de “know how” na análise de outros cenários estratégicos, alertando para que nem todos os elementos da política internacional são publicados na imprensa comum e que o julgamento de uma situação aparente pode ser errôneo.

Realmente, os “mares quentes”³ que a Rússia possui são todos “confinados”, com exceção do Mar de Okhotsk, entre a Ilha de Sacalina e a Península de Kamtchaka. Mesmo assim, a saída é pelas Ilhas Kurilas, outrora pertencentes ao Japão e quase todas ocupadas pela União Soviética após a 2ª Guerra Mundial. Quanto aos outros mares, vejamos:

A Esquadra Russa em Vladivostok, grande base naval no Oriente, não poderia sair pelo Sul e pelo Nordeste, porque teria que atravessar o estreito da Coreia, entre a Coreia do Sul e o Japão, e os estreitos de Tsugaru e de la Perouse, controlados pelo Japão. O único caminho marítimo para os “mares quentes” do Oceano Pacífico é pelo Mar do Japão, o estreito dos Tártaros (entre a ilha Sacalina e o continente asiático), o Mar de Okhotsk e as passagens das Ilhas Kurilas. Essa volta enorme para o Pacífico resulta num acréscimo de mais de 2.000 Km, e daí a importância das Ilhas Kurilas para a Rússia. Há outras razões para a disputa, mas a principal é a apontada acima.

A Esquadra do Mar Negro também estaria confinada pelos estreitos de Bósforo e Dardanelos, controlados pela Turquia, que está numa posição geográfica privilegiada, de alto valor estratégico, entre os Balcãs, a Rússia e o Oriente Médio, explicando isso

muitas guerras passadas e o “peso” de seus representantes na mesa de negociação internacional.

No Mar Báltico, a Esquadra Russa de São Petersburgo (na época da hipótese: Lenigrado) também não poderia sair, pois teria que enfrentar os estreitos de Kattegat, entre a Dinamarca e a Suécia, e o estreito de Sca-gerrak, entre a Dinamarca e a Noruega.

Então, só restaria o Oceano Glacial Ártico, com sua saída pelo Mar de Barents, com o porto de Murmansk aberto à navegação o ano inteiro. Essa condição de degelo é devida à corrente do Golfo do México, que, somada às correntes quentes do Atlântico Norte, mantém o Mar de Barents quase sempre em condições de navegabilidade⁴.

Isso joga com o conhecimento já existente sobre um corredor submarino por aqueles mares, não sendo o acidente noticiado com o submarino nuclear russo o único ocorrido. Há um outro caminho para os “mares quentes”. É percorrido abaixo da superfície do Oceano Glacial Ártico, cruzando o Pólo Norte até atingir o estreito de Bering, passando ao Pacífico. Esse percurso corresponde a mais ou menos 9.000 Km se utilizada a rota marítima já balizada. Com tempo bom, uma Força-Tarefa naval⁵ levaria no mínimo uma semana para atingir aquele Oceano, partindo das proximidades de Murmansk. Para a navegação de cabotagem, de pequenos barcos, margeando o litoral, o percurso é de mais de 30.000 Km, tal o número de baías e enseadas. Por conseguinte, a travessia do Glacial Ártico sempre foi um problema e, com relação a “mares quentes”, a situação da Rússia não é nada invejável.

O clima sempre foi o maior inimigo dos exércitos que invadiram a Rússia. Napoleão e Hitler que o digam. Quando abordamos a *orografia*, ressaltamos as causas de tão baixas temperaturas, particularmente na Sibéria. Porém há regiões do país onde o clima é subtropical e há, mesmo, áreas de clima tórrido. Tomemos um exemplo para cada extremo: Na Sibéria, há uma república autônoma chamada de Iakútia, cuja temperatu-

ra atinge níveis mais baixos que no Pólo Norte. No inverno, o termômetro chega a marcar 70° abaixo de zero. O ar da respiração humana, quando expelido, transforma-se imediatamente em vapor de gelo. Por outro lado, na Turcomênia, agora uma república independente, no deserto de Karakum⁶, já foi registrada a temperatura de 51° à sombra, porque ao sol os termômetros não funcionam normalmente, tal o calor.

Todavia, de um modo geral, a Rússia é muito fria e o efeito é grande sobre as vestimentas. Na parte asiática, na Sibéria, no inverno, não adianta querermos enfrentar a natureza com casacos de lã “adquiridos em Foz do Iguaçu”. Eles têm que ser de peles de animais. A argumentação é simples: se não usarmos, morreremos de frio. Os ambientalistas, porém, podem ficar descansados. O problema sempre foi tratado, na Rússia, em qualquer sistema de governo, com muita seriedade.

Com relação à exploração da vegetação do território, e diferentemente das estepes do Oeste, extremamente férteis e viáveis economicamente, há, no lado asiático, duas dificuldades importantes a considerar. Primeiro, a dificuldade de recuperação das árvores adultas, na floresta Norte-Siberiana, conhecida como “Taigá”, por causa do frio e das condições poluentes. Certas espécies, quando cortadas próximas ao solo, levam um século para a recuperação do porte anterior. Segundo, um monitoramento da riqueza da fauna, na região mais para o Sul e o Leste, esta de vegetação menos densa, permeável, tendendo para a savana e a estepe, onde proliferam animais como o tigre de Amur – o maior felino da terra, maior do que o leão – e o urso pardo. Maior riqueza ainda vê-se nas margens do lago Baical, onde a vegetação ciliar abriga martas zibelinas, lontras, raposas azuis, todos esses animais de pele raríssima. Todas essas espécies são criadas em cativeiro para reprodução e comércio, e a sua caça é controladíssima. Não há espécies em extinção, a não ser o tigre por motivo de desmatamento⁷.

Embora a floresta do Norte da Rússia, do Mar Báltico até o estreito de Bering, seja a maior do globo, não é tão densa e rica de oxigênio como a Amazônia ou a Mata Atlântica brasileiras, e o crescimento anual de madeira na Sibéria é muito mais lento que nos países tropicais. A vegetação, na Sibéria, não somente a floresta mas também a tundra, que é rasteira, é muito vulnerável.

3. Resumo histórico

Os primeiros habitantes da Rússia não são muito antigos. Não estamos nos referindo ao hipotético tronco comum Indo-Europeu, desdobrado em dois ramos étnicos: o do Leste, o Indo-Ariano, e outro do Oeste, que abrigava o nosso conhecido grupo Latino. Falamos dos Eslavos, ponta dos Arianos, que já habitavam há vários séculos as regiões próximas do Mar Negro e só mais tarde se dispersaram pelos Cárpatos; para Oeste, formando, no futuro, as nações Tcheco-Eslováquia e Polônia; para o Sul, deram origem a Sérvios, Croatas, Macedônios, Montenegrinos e Búlgaros. Entretanto, para Leste, a fixação dos russos só se realizou lá pelos 400-500 AD, pelas margens do Dnieper e foram grupados em três blocos distintos: “Ucranianos”, “Belorrussos” e “Russos” propriamente ditos.

A área invadida teve como centro uma cidade que tomou o nome de Kiev, e o território ao redor foi chamado *Rus*, origem de um Estado a que se chamou Rússia Kieviana.

A situação geográfica do território, entre o Ocidente, o Oriente e o Império Bizantino ao Sul, como entreposto comercial entre um e outro lado do mundo, favoreceu o crescimento de Kiev com tal intensidade que pressionou a expansão de contingentes humanos para o Noroeste e o Norte, com centros populacionais surgindo para a formação das futuras Ucrânia e Bielo-Rússia⁸, esta última mais próxima do Mar Báltico, migração essa acelerada com a invasão mongol.

O esplendor Kieviano desmoronou-se por várias razões: 1 – destruição do Império

Bizantino pelos Cruzados (1204 AD); 2 – surgimento de uma nova rota comercial por Veneza; 3 – invasão tártara lá pelos 1218-1219 AD, decisiva para a decadência da Rússia Kieviana.

Os Russos do subgrupo mais de Leste, que depois se deram o título de “grandes Russos”, fugiram dos mongóis para as cabeceiras do Volga, terras férteis, onde foi fundada a cidade de Moscou ainda no século XII, centro da Rússia Moscovita ou *Moscóvia Russi*, a princípio entidade étnica, anos depois também política. Sob o poder de Ivan IV, o Terrível, iniciador do tsarismo em 1547, a Rússia passou, como Estado, a se comunicar com a Europa. Esse monarca, conhecido por sua crueldade, foi favorecido pela dinastia dos Príncipes com o nome de Ivan I, II, III, que preparou caminho para o absolutismo, repeliu os tártaros e, ao mesmo tempo, diminuiu o poder da Igreja (Igreja Ortodoxa Russa) e foi minando a influência dos nobres. Foi por essa época que se iniciou a expansão pela Sibéria. Depois de Ivan IV, o Terrível, a dinastia ainda continuou, até que o país passou por um fase de decadência, ocasião em que atingiu a plenitude o absolutismo do então Tsar⁹, que impunha uma escravidão selvagem.

O domínio mongol já havia terminado então, mas alguns traços culturais desse povo ficaram como modelo, enquanto a Europa já se preparava para os primeiros arrancos do liberalismo.

A Rússia prolongava a Idade Média além de seu período cronológico e esse estado de coisas só mudou um pouco com a ascensão ao poder de Pedro, o Grande, que foi um monarca excepcional para o tempo em que viveu e reinou. Ele foi um reformador, contudo inspirado pelo lado prussiano do imperialismo europeu. Dominado pela idéia de ocidentalização, transferiu a capital de Moscou para São Petersburgo (Cidade de São Pedro) em 1721 AD. O que tornou Pedro, o Grande, um exemplo para os governantes russos – dizem que até para Stalin –, foi a organização do Exército Imperial, em

moldes inéditos até então. Os critérios adotados foram: 1 – obrigatoriedade do serviço militar para todas as classes; 2 – disciplina adequadamente conduzida; 3 – o civismo e o patriotismo como motivações principais; 4 – promoções justas e sem privilégio de nascimento; 5 – Escolas de Formação de Quadros (oficiais e sargentos) bastante evoluídas nos métodos de ensino; e 6 – Curso de estado Maior de fazer inveja a muitos similares de países europeus.

Com a fundação de São Petersburgo no início do século XVIII e sua transformação em capital em 1721, caracterizou-se a fase da *Rússia Petersburguense*, até a Revolução de outubro de 1917.

Esse período foi marcado pela “ocidentalização” da Rússia de Pedro, o Grande, uma verdadeira obsessão para aquele tsar.

Com a transferência de Moscou para São Petersburgo, parecia que as coisas iriam tomar um rumo certo ou organizado. Com a morte de Pedro, o Grande, porém, e a ascensão ao poder de Paulo I, dos Alexandres I, II e III, e dos Nicolaus I e II (a sucessão é outra ordem), toda a organização anterior desabou. Houve certos episódios que poderiam dar valor bem positivo ao período, quais sejam: 1 – a abolição da servidão com Alexandre II; 2 – a retirada de Napoleão Bonaparte, em conseqüência do aliado climático, mas também auxiliado, em não menor escala, pelo patriotismo do soldado russo; 3 – a afirmação da Rússia como “potência” europeia, conceito que foi desfeito pouco tempo depois, verificada a fragilidade dessa nação como um todo.

Mesmo com algumas realizações práticas, nada evitou a decadência no século XIX. Poderíamos citar, como exceção, a Ferrovia Transiberiana, uma obra de fôlego, realizada com as facilidades de material de construção e mão-de-obra barata, porém iniciada “sob inspiração” do governo alemão.

Quanto às inúmeras desvantagens da transferência da capital para o litoral, vamos citar as principais: 1 – Tendo adotado a “filiação” europeia, a Rússia Petersbur-

guense passou a assimilar a cultura ocidental europeia, como as intrigas palacianas, os acordos militares e suas conseqüências bélicas¹⁰ e, ainda, desajustes com os círculos religiosos¹¹; 2 – O tsarismo mais se distanciou do camponês, que foi o eterno problema dos absolutistas. Mesmo com a abolição do trabalho servil em 1861, foi instalado o regime de “mir”¹², que nada mais era do que o embrião do trabalho agrário comunitário, muito depois aproveitado por Israel com sucesso.

Foi pior a “emenda do que o soneto”. O camponês, antes miserável e inculto, passou a ser ainda mais explorado pelos representantes do poder, que, fraudulentamente, dirigiam as cooperativas. Passou, ele, agora “corporativizado” e descontente, a clamar pelos movimentos grevistas, mais de quinhentos depois da abolição, tornando-se presa fácil dos revolucionários, algumas décadas depois.

Assim, o século XX vai encontrar a Rússia numa situação caótica, com o exército desintegrado, a população descontente e miserável.

Quanto à organização político-administrativa, podemos dizer que, apesar das idéias liberalizantes já em curso no Oeste europeu, a Rússia já apresentava “proforma” a tradicional textura dos Poderes e instituições tradicionais, mas para uso externo, quase que um modelo melhorado do período moscovita. Resumindo, essa aparente estruturação de tipo liberal não podia ter muita consistência política e logo em breve a nação apresentaria a sua fragilidade como um todo. A quantidade e a diversificação de órgãos dos Poderes não têm valia, se em detrimento da independência e a qualidade de seus representantes.

Por exemplo, a DUMA¹³ já havia existido desde o tempo dos “boiardos”¹⁴, mas o processo de escolha dos seus representantes era autocrático, e as leis dela decorrentes eram destinadas ao benefício dos proprietários de terra. A DUMA de Kerenski, a quarta instituída por Nicolau II, e que abrigava

diversas tendências, também não tinha qualidade, pois não sabia o que queria, e também foi dissolvida, dessa vez pelos revolucionários de 1917.

4. *Os personagens*

Estamos considerando como “personagens” os inúmeros subgrupos étnicos que habitavam e ainda habitam o imenso palco multinacional formado pelo Império Russo e Soviético, mas ressaltaremos apenas os participantes mais diretos dos principais episódios. Seria impossível fazer referência a tantas nacionalidades, mesmo porque, na maioria, são povos de línguas difíceis, com nomes consonantais complicados para leitores de línguas latinas, e até povos cuja transliteração mais aproximada tem quatro consoantes e apenas uma vogal, como o subgrupo Nivkh.

Os russos

Assim sendo, vamos começar naturalmente pelos russos, cujo subgrupo se dividiu em “ucranianos”, ou “pequenos russos”, os “Belorrussos” ou “russos brancos” e os “Russos de Moscou”, ou “grandes russos”¹⁵.

Os Ucrânianos habitam a Ucrânia, o país mais populoso depois da Federação Russa, e seu traço cultural predominante é o nacionalismo, que tem acarretado ao país muitos aborrecimentos para com essa Federação. A língua falada, o ucraniano, do ramo eslavônico, teve o seu alfabeto, cirílico tal qual o russo, modificado do russo padrão desde 1200 AD. Essa língua possui uma literatura muito lendária e pontilhada de heróis. A Ucrânia suportou o maior impacto da dominação mongólica, entretanto Kiev, sua capital, permanece até hoje como um grande centro cultural e industrial.

Os Russos brancos ou Belorrussos não tiveram um papel destacado na formação do Estado russo, mas, tratando-se de um subgrupo, é interessante sabermos que direção tomaram. Na fuga ao domínio mongol, preferiram a direção Noroeste e as regiões

próximas do Mar Báltico, onde fundaram muitos centros populacionais e sempre estiveram em contato com os poloneses e os bálticos. Ao contrário dos ucranianos, sempre foram também tradicionalmente ligados a Moscou. Sua posição geográfica forçou a participação da futura Bielo-Rússia nos interesses moscovitas, o que os fez sofrer diretamente os efeitos das invasões recíprocas entre Leste e Oeste.

Os Russos de Moscou ou “grandes russos” formaram a atual Rússia e falar deles é imprescindível porque foram os personagens presentes em todos os episódios, desde a sua instalação em Kiev, passando por Moscou, São Petersburgo e, novamente, Moscou. Até agora, em todos os períodos da história, o povo russo foi vítima da opressão. Seu sofrimento já é uma tradição histórica. Na Rússia Kieviana, sofreu, desde o início da instalação, que coincidiu com o início da Idade Média, uma opressão dos principados do Rus, com centro em Kiev, num regime de servidão mais atrasado que o da Europa feudal. Essa situação foi um pouco arrefecida com a chegada dos primeiros missionários cristãos da Igreja Ortodoxa, lá pelos anos 800 AD.

Com os russos já em expansão, a invasão tártara em princípios do século XIII apressou a fuga para as cabeceiras do Volga, terras férteis, mais distantes do Leste e que ofereciam condições mais adequadas para uma futura defesa mais efetiva no caso de aprofundamento da invasão tártara.

De fato, a previsão fora realizada. Na batalha de Kulikovo, ao Sul de Moscou, o Grão Príncipe de Moscou, Dmitri Donskói, derrotou os tártaros e conseguiu uma vitória tão retumbante que definiu o início da resistência russa à pretensão dos invasores de investir para o Norte.

Todavia, por outro lado, o regime feudal continuou em toda a sua plenitude, só perdendo sua prepotência para o absolutismo monárquico.

O Russo de Moscou, ou “grande” russo, nessa época, já podia ser caracterizado por

um perfil psicossocial assim definido: 1 – *submisso*, mecanicamente disciplinado por um poder central cada vez mais absolutista; 2 – *místico*, em função das enormes áreas, da natureza pujante com todos os seus aspectos fisiográficos, tais como neve, rios, montanhas, lagos, florestas, climas extremados, proporcionando ambiente favorável para a criação de fantasias, lendas ¹⁶, entidades sobrenaturais, isso tudo atuando fortemente sobre os traços culturais. Outro fator influente foi a herança mística dos antepassados, tendo como elo a chancela religiosa de Igreja Ortodoxa Russa; 3 – *sentimental*, devido, talvez, ao sofrimento interminável experimentado. Esse sentimentalismo, observado em toda a cultura eslava, é facilmente detectável na composição de músicas populares, algumas tornadas mundialmente semiclássicas como “Olhos Negros”, “Duas Guitarras”, “Noites de Moscou”, editadas muito mais tarde de sua concepção, e muitas outras similares, todas em tonalidades menores, o que é um indicativo de melancolia, dor e sentimentalismo.

Queremos encerrar dizendo que os russos, como gênio militar (líderes como Napoleão, Montgomery, etc.), têm uma história muito modesta, tendo em seu acervo apenas vitórias isoladas. Em compensação, as heróicas resistências de Leningrado, Stalingrado, para a defesa do solo pátrio, caracterizam o máximo de resistência ao sofrimento, o espírito de sacrifício e o patriotismo.

Os chuvash

Esse povo constitui um subgrupo étnico muito pouco numeroso, e os autores russos em geral não lhe dão muita projeção. Falam uma língua ligada ao grupo Fino-Úgrico, que muitos estudiosos querem relacionar com o grande tronco Altaico, via grupo Urálico.

Realmente, numa pesquisa mais aprofundada, vamos encontrar pontos de contato com o Altaico. Seu perfil racial, sem dúvida alguma, é mongólico. Não sabemos muito de suas origens, e seu papel na odisséia russa foi mais de vítima, tanto dos tártaros

quanto dos russos escravagistas. Sua inclusão como povo-personagem ativo deve-se simplesmente ao fato de o pai de Lenin, Iliá, dele descender – a mãe, Maria Blank, tinha dupla ascendência européia, alemã e sueca. Por serem as famílias russas estruturalmente patriarcais, Lenin levava o patronímico – o sobrenome – e o nome de família do pai. Isso lhe trouxe certos constrangimentos futuros, cujos pormenores comentaremos no segundo artigo “A Revolução Comunista e os Seus Líderes”.

Os tártaros

Outro subgrupo de atuação relevante é o “tártaro”, também chamado “tátaro”. É um povo originário de tribos semibárbaras da província de Tian-Shan, do Noroeste da China, do Turquestão, e mesmo de algumas regiões da Ásia Central e do Kazaquistão. Essas tribos eram chefiadas por um Khan (chefe guerreiro), quase todos semi-analfabetos. Viviam da caça e das pilhagens. Dos povos não eslavos, é o segundo mais numeroso do ramo lingüístico Altaico, falando uma linguagem túrquica, isto é, tendo o idioma turco como base, mas com diferenças regionais sensíveis. Seminômades, estavam permanentemente em guerra. Cavaleiros excelentes e arqueiros habilidosos, praticavam invasões de terra (sem uma liderança organizada, razão por que, quando irrompiam em alguma localidade, com matanças, pilhagens e saques desordenados, infundiam o terror).

Os “tártaros” dispersaram-se por grande parte da Sibéria e parte da Rússia Européia, a princípio por nomadismo, porém, depois do século XX, porque foram forçados a isso. Não eram, no século XX, bem vistos por Stalin, que deportou alguns deles da Criméia¹⁷ para o Oriente. Outra parte ficou “confinada” na República Autônoma da Tatária. Com a morte de Stalin, foram inocentados do pretense crime de terem cooperado com os nazistas.

Há uma certa confusão na interpretação dos termos “tártaros” e “mongóis”. Os dois pertencem ao grande grupo étnico-lingüístico

tico Altaico, que compreende os subgrupos Mongol, Mandchu-Tungu e Túrquico. São da raça mongolóide, cuja característica somática mais notória é uma prega ou dobra na pele, sobre os olhos, fazendo-os aparentar obliquidade. Ambos têm relativamente o mesmo grau de cultura prática. São bons cavaleiros e arqueiros e grandes guerreiros.

As diferenças são as seguintes: 1 – os dois subgrupos falam idiomas distintos; os mongóis falam, naturalmente, o mongol¹⁸, e os tártaros falam uma linguagem túrquica; 2 – os mongóis são provenientes da Mongólia, enquanto os tártaros têm origem em várias regiões asiáticas; 3 – os mongóis tinham uma liderança expressiva e organizada, o que deu à nação mongólica personalidade política em suas lutas, inclusive contra grandes dinastias como as da China, além de ter projetado ao mundo Genghis-Khan (Chefe Universal), que uniu todas as tribos da Mongólia e organizou um verdadeiro e invencível Exército.

Genghis-Khan, ou Temuchin de nascimento, reuniu sob a bandeira dos mongóis todas as tribos tártaras da Sibéria, do Kazaquistão ao Mar Negro, e se aventurou até o Leste europeu, fundando o Império Mongol, se não o mais extenso em área, o de maior comprimento, pois ia de Pequim até Budapeste, na Hungria, atingindo cerca de 10.000 Km. Atualmente, a opinião geral é de que ele não era somente um grande guerreiro, mas um extraordinário chefe político e administrador.

Vamos citar dois exemplos: como guerreiro, utilizou, com sucesso, a comunicação por mensageiros montados que, a toda velocidade do cavalo, se revezavam nos postos de muda, antes balizados. Os próprios mensageiros já puxavam cavalos de muda, para qualquer imprevisto. Assim, quando outros grupos armados levavam até um mês para transmitir uma mensagem, o chefe mongol levava uma semana.

Como político e administrador, Genghis-Khan agia da seguinte maneira: após o massacre inicial, marca da época, organizava

as pilhagens para suprimento futuro de sua tropa, reunia os anciãos da cidade, entregava-lhes a administração, contanto que pagassem os tributos e o apoiassem nas futuras passagens pelo lugar. Conseguia, desse modo, o apoio e a simpatia dos nativos e, o que é de muita importância, não desfalcava as fileiras combatentes, desviando guerreiros para funções administrativas.

Finalmente, queremos ressaltar o personagem mais curioso: os cossacos.

Os cossacos

Eles não eram propriamente um subgrupo étnico. De origem eslavônica, constituíam-se um ajuntamento sócio-econômico de pequenos camponeses, estabelecidos particularmente nas estepes ucranianas e tornados combatentes por necessidade. Modestos proprietários de terra, organizaram-se em comunidades para a defesa comum e chegaram a formar um exército particular, mais tarde profissionalizado e que prestou serviços ao tsarismo na conquista da Sibéria e contra os bolcheviques¹⁹.

Excelentes cavaleiros, eram conhecidos pela independência, refutando qualquer autoridade central. Havia uma hierarquia própria, com ótimo relacionamento entre os líderes e a tropa.

Apesar de apresentarem certa similaridade com os beduínos, os nômades do deserto, viviam, porém, em um ambiente natural muito mais aprazível, eram proprietários, embora pequenos, e tinham uma verdadeira paixão pela terra natal, enquanto aqueles praticavam o nomadismo por necessidade, em função da pobreza e aridez do solo. Poderíamos dizer, sem grande erro, que o cossaco era o beduíno abastado das estepes.

O cinema e a literatura o têm caracterizado como um tipo aventureiro, romântico, apreciador da vodca e de guitarras. É possível que em certas ocasiões assim o fosse, para contrabalançar a vida ativa levada na lida braçal com a terra, o que lhe dava um temperamento rude, irreverente e sem refinamento cultural. Mas eram valentes e leais.

Para ilustrar melhor a imagem, nada mais oportuno que um fato, pois contra fatos não há argumentos. É um episódio curiosíssimo relatado a nós por um ucraniano autêntico, de quem recebemos uma cópia do manuscrito em língua ucraniana. Fizemos a tradução conjuntamente para o português. Temos a impressão de que esse episódio, com alto grau de probabilidade de ser real, pode ter sido alterado em algum pormenor no seu relato, pois data de muito tempo atrás, todavia define bem o espírito cossaco:

Em 1680, O Império Otomano Turco estava em decadência e vivia em constante luta contra a Rússia, sendo um dos pontos de atrito a região fronteiriça da Podólia. Havia contenda por uma certa elevação da Região. Os cossacos eram liderados por um guerreiro chamado Ivan.

Os turcos enviaram aos cossacos a seguinte mensagem (em ucraniano). “Eu, Sultão Turco, filho de Maomé, irmão do Sol e da Lua, neto e descendente de Deus, Senhor dos Reinos da Babilônia, de Jerusalém²⁰, do Grande e do Pequeno Egito, Rei dos Reis, Senhor dos Senhores, cavaleiro excepcional que ninguém venceu, guarda perpétuo do caixão de Jesus Cristo, curador do próprio Deus, esperança e consolação dos muçulmanos, assistente e grande defensor dos cristãos, ordeno-vos, Cossacos Zaporójskie²¹, que vos rendais a mim voluntariamente e sem qualquer resistência, e não me façais perder a calma com vossos ataques.” Sultão Turco Mohamed IV.

Resposta dos Cossacos. “Tu, Diabo Turco, do demônio maldito irmão e camarada, e secretário do próprio Lúcifer. Quem és tu, guerreiro do Cão? O Diabo vai expulsar e queimar a tua tropa. Não terás condições de dominar os filhos cristãos. Tua tropa não tememos. Combateremos contra ti na terra e na água. És cozinheiro da Babilônia, esfolador de cabras de Alexandria, pastor de porcos do Grande e do Pequeno Egito, suíno da Armênia, cartucheira tártara, carrasco de pedra, filho de ladrão da Podólia, neto da própria serpente, palhaço do mundo intei-

ro e das profundezas, bobo de nosso Deus, ... (impublicável) de égua, cachorro vira-lata, besta pagã, que o Diabo te carregue! Assim os cossacos cuspiendo te respondem, renegado da mãe dos verdadeiros cristãos! Não sabemos de data, pois não temos calendário, o mês (a Lua) está no céu e o ano no Livro! E o dia é o mesmo para nós e para vós. Beije ... (impublicável), que nós temos.” Chefe Ivan, líder de todos os chefes “zaporójskie”.

5. Comentários conclusivos sobre os períodos

Feito esse resumo de uma área continental tão vasta e de uma paisagem humana tão marcante, podemos imaginar que tipo de estrutura político-administrativa poderia atender tanta imensidão geográfica e tantas nacionalidades diversas. Melhor dizendo, talvez concluiríamos que nenhuma organização estatal suportaria um encargo de tais dimensões. Não nos esqueçamos que foram ressaltadas apenas algumas nacionalidades de mais de uma centena que existem.

O período kieviano

No período da Rússia Kieviana, que corresponde ao da Idade Média, o modelo administrativo era mais atrasado que o nascente feudalismo a se instalar na Europa Ocidental e vinha mesclado com ingredientes ainda mais odiosos: a herança dos sistemas despóticos orientais trazidos pelos eslavos e o fatalismo religioso a que não escaparam os missionários cristãos da Igreja Ortodoxa Russa, já nos anos 800-900 AD, em que a salvaguarda da vida futura justificava qualquer sofrimento terreno. Contudo, é justo reconhecermos a influência da Igreja Russa na moderação da consuetudinária legislação do trabalho, de caráter puramente utilitário, comercial e do tipo contrato-pessoal.

Em que pesem os aspectos nefastos, a situação de Kiev era privilegiada, constituindo-se em uma região progressista até a invasão mongol²² dos princípios do século XIII. Essa invasão impôs traços culturais negati-

vos e positivos que impregnaram a mente dos governantes russos. Lembremo-nos que, a essa altura dos fatos, os russos não tinham adquirido ainda nem identidade nacional²³ quanto mais personalidade política. Sendo assim, aquela invasão, responsável pela fuga definitiva para as cabeceiras do Volga, foi a mola mestra da formação do futuro Império Russo (esse, um dado positivo).

O período moscovita (século XIII ao XVIII)

Com a expansão para as cabeceiras do Volga, a fundação de Moscou e após algumas vitórias locais como as do Rio Nevá e a do Lago Peipus²⁴, projetaram-se os primeiros heróis russos, assim como ficou bem definida a *entidade étnica* dos “grandes russos” ou dos “Russos de Moscovia”, apesar da mesclagem com elementos finlandeses, o que deu mais “arianismo” ao tom da pele. A *entidade política* engatinhou com Ivan III, que preparou o caminho para a assunção de Ivan IV, o Terrível, este, de fato, o primeiro tsar russo.

Ivan, o Terrível, acabou com o poder dos nobres, “boiardos”, prosseguiu a expansão pela Sibéria e estabeleceu o centralismo do poder.

Depois desse período, a Rússia passou por uma fase de desagregação, com Ivan V, até a ascensão de Pedro, o Grande, em 1696. Com Pedro, o Grande, vieram as reformas, a política exterior, o estabelecimento de uma legislação rigorosa, o aprimoramento das Forças Armadas e muitas medidas administrativas necessárias para a consolidação do poder.

O absolutismo cresceu, agora inspirado por uma ocidentalização obsessiva, que levou o Tsar a transferir a Capital para São Petersburgo. Por outro lado, o regime de escravidão dos contingentes agrários permanecia no mesmo nível.

O período petersburguense

Com a transferência para São Petersburgo, teve início a Rússia Petersburguense, o período mais curto da formação do Império Russo.

Falando francamente, a Rússia levou para o litoral, com a sua nova capital, todos os defeitos já adquiridos no “Período Moscovita”, quando realmente se concretizara a sua identidade étnica e nacional, e onde se tornara entidade política.

A despeito da aproximação da Corte à velha Europa, de onde se extraíram alguns sucessos na área da tecnologia industrial, prevaleceram os erros importados dos sistemas de governo anteriores, agora em luta mais direta com as idéias liberalizantes. Desses embates, aproveitaram-se posteriormente os líderes revolucionários do século XX.

De modo que, qualquer que fosse o perfil ideológico de uma revolução alteradora do quadro social, ela teria enorme possibilidade de êxito, mais pela fraqueza do poder constituído do que pelos méritos dos revolucionários.

É o que vamos observar na segunda parte parte do nosso artigo: “A Revolução Comunista e Seus Líderes”, em breve edição da Revista de Informação Legislativa.

Notas

¹ Entendido, no presente trabalho, esse termo conforme a visão ocidental.

² *The concord desk encyclopedia*. v. 3. p. 1225.

³ Águas que permitem operações em condições normais ou movimentos comerciais marítimos regulares.

⁴ Quando estávamos realizando uma pesquisa sobre o naufrágio do Titanic, achamos muito interessante uma reportagem da revista *Veja*, de 1986, página 74, que chamava a atenção para o apoio decisivo que a Marinha dos EE UU tinha dado ao mergulhador e cientista Robert Ballard na busca daquele grande navio afundado. Segundo a reportagem, alguns cientistas americanos sugeriram que o objetivo da Marinha americana não seria apenas realizar testes de equipamento de mergulho, mas também de resistência de material do navio a grandes profundidades, e apresentar os dados para fins militares.

⁵ Força-Tarefa naval é um grupo de navios de guerra, devidamente organizado para cumprir uma missão específica.

⁶ Em língua turca: “areia negra”.

⁷ A área de vegetação preferível para o tigre é a savana, por ser rala e transitável. Todavia esse animal também é muito encontrado em florestas coníferas. Para cada um deles, é necessária uma área equivalente a uma “Asa do Plano Piloto”, em Brasília.

⁸ “Belo-Rússia”, diga-se “Bielo-Rússia”, significa “Rússia Branca” e Ucrânia vem da combinação “U Kraiá”, que significa junto à fronteira. A Ucrânia também foi chamada, durante muito tempo, “Malorróssia” (Pequena Rússia), indicando um certo ressentimento tradicional entre os ultra-nacionalistas ucranianos e os russos atuais.

⁹ “tsar” é mais correto do que “czar” ou “csar”. A letra inicial é “ts” em russo. Porém as duas formas são aceitas. A palavra “czar” ou “csar” tem origem na tradução eslavônica “késsar”, da palavra “tsézar”, como eram chamados os imperadores romanos, “César” em grande parte da Europa. Como estamos falando de Rússia, vamos dizer “tsar”, embora esse título só tenha sido empregado pelos russos quase 2.000 anos depois da fundação de Roma.

¹⁰ Pedro, o Grande, já naquela época, guerreou com a Turquia pelo acesso ao Mar Mediterrâneo e com a Suécia pelo domínio do Mar Báltico. As buscas por “mares quentes” são bem antigas.

¹¹ Talvez a única coisa que não copiou à Europa foram as manifestações públicas do absolutismo real, que os tsares tinham de sobra. Se Luís XIV, rei da França, precisava dizer “L’État c’est moi” (Eu sou o Estado), os tsares não necessitavam dessa propaganda. Todo mundo já sabia disso.

¹² “Mir” tem dois significados em língua russa. O primeiro é “paz”; o segundo é “mundo”, “universo”, “conjunto”, “comunidade”. É no segundo sentido que deve ser entendido aqui.

¹³ DUMA, em russo, quer dizer “inteligência”, “pensamento”, “idéia”. Um esboço de Parlamento, monitorado pelos proprietários de terra.

¹⁴ “Boiardos” parece ter origem na palavra holandesa “Böers”, que os russos traduzem por “Boiare”. Significa “fazendeiros”. Os “Boiardos” representavam a nobreza de então, constituída pelos senhores das terras, dos feudos.

¹⁵ Essa palavra em língua russa pronuncia-se “veliki” e significa “grandioso”, não propriamente “grande”.

¹⁶ Em todos os países onde a natureza é exuberante acontecem esses fenômenos. No Lago Baical, próximo à cidade de Irkutsk, na Sibéria, um verdadeiro mar de água doce, o número de lendas é significativo, à semelhança das lendas amazônicas em nosso país.

¹⁷ Região Sul da Rússia que limita com o Mar Negro e a Bulgária.

¹⁸ Não confundir com o idioma chinês, que é ideogramático, do grupo lingüístico sino-tibetano.

¹⁹ Bolcheviques: membros do Partido bolchevista. Sobre eles falaremos na segunda parte deste trabalho.

²⁰ Jerusalém já esteve sob o domínio do Império Otomano.

²¹ “zaparójsquie” é um adjetivo plural em russo que significa “além das cachoeiras”. Eram os cossacos que moravam nas margens do Rio Dnieper, do Rio Don, etc., mas abaixo das quedas d’água, ou seja, mais ao Sul.

²² Depois da explicação dada anteriormente, estamos utilizando os termos “mongol” e “tártaro” indiscriminadamente.

²³ Não havia ainda a divisão “grandes russos” ou “pequenos russos”.

²⁴ Principalmente, aqui, a batalha de Kulíkov.